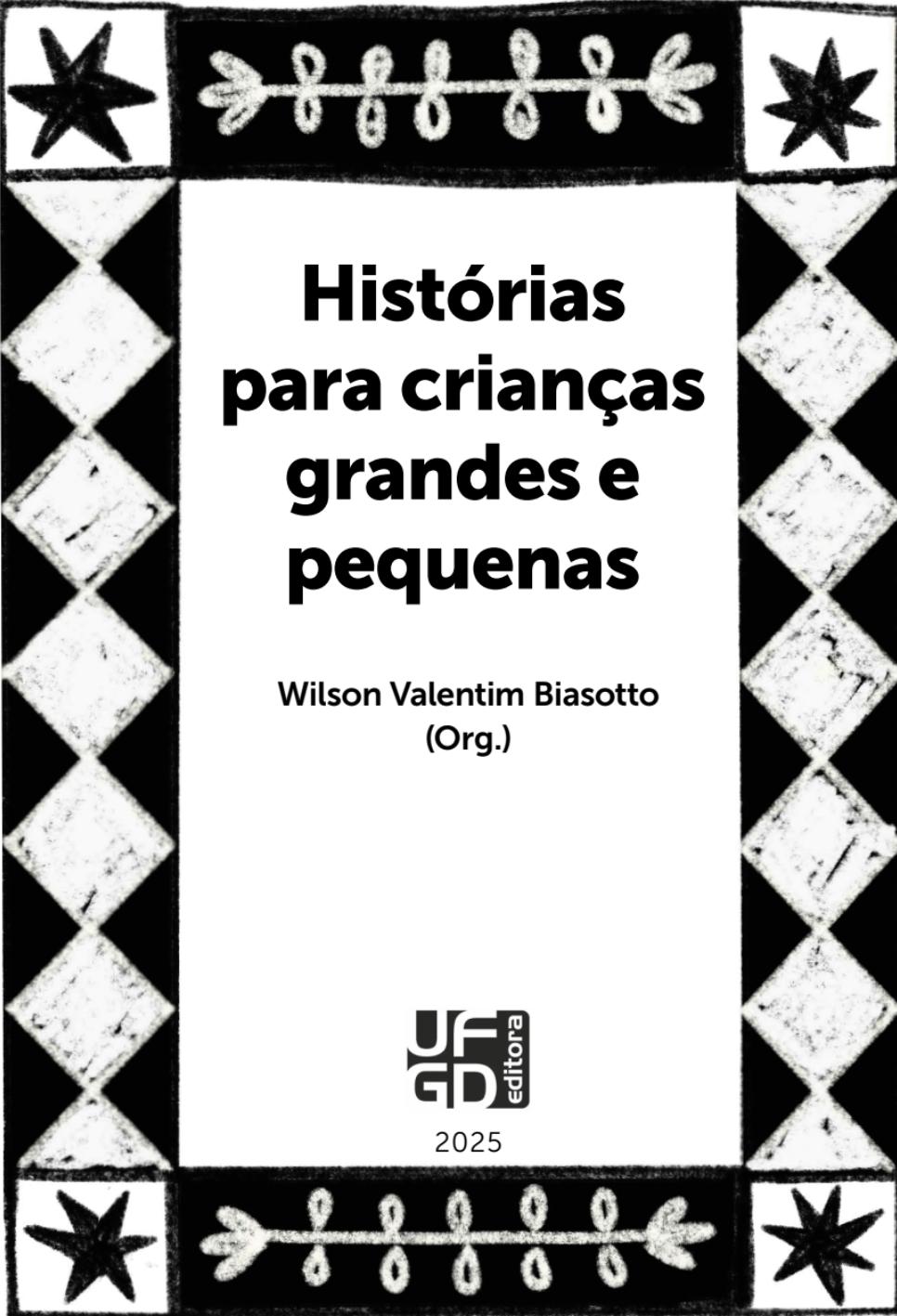




Histórias para crianças grandes e pequenas

Wilson Valentim Biasotto
Organizador



Histórias para crianças grandes e pequenas

**Wilson Valentim Biasotto
(Org.)**



2025

Universidade Federal da Grande Dourados Editora da UFGD

Equipe

Coordenação Editorial

Marise Massen Frainer | Programadora Visual

Divisão Administrativa

Rafael Todescato Cavalheiro | Assit. Admin. | Chefe da Divisão
Thais Gomes de Souza | T.A.E.

Gabriel Brandão de Azambuja Menezes Cavalheiro | Estagiário

Divisão Editorial

Programação Visual, Revisão e normalização bibliográfica

Cynara Almeida Amaral Piruk | Revisora | Chefe da Divisão

Maurício Lavarda do Nascimento | Programador Visual

Brainner de Castro Lacerda | Programador Visual

e-mail: **editora@ufgd.edu.br**

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central UFGD

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP).

H673	<p>HISTÓRIAS para crianças grandes e pequenas. / Organizado por Wilson Valentim Biasotto. – Dourados, MS : EDUFGD, 2025.</p> <p>{Coleção Comemorativa aos 20 anos da UFGD; v.1}. E-book (pdf). ISBN: 978-85-8147-214-0</p> <p>1. Literatura infanto-juvenil. 2. Leitura. 3. Contação de histórias 4. Ludicidade I. Biasotto, Wilson Valentim. II. Título.</p>
------	---

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central – UFGD.

©Todos os direitos reservados. Permitida a publicação parcial desde que citada a fonte.



Conselho Editorial

Marise Massen Frainer

Presidente

Cláudia Gonçalves de Lima

Vice-Reitora

Maria Aparecida Farias de Souza Nogueira (Titular)

Marisa de Fátima Lomba de Farias (Suplente)

Representante da Câmara de Ensino

de Pós-Graduação e de Pesquisa

Emilia Alonso Balthazar (Titular)

Narciso Bastos Gomes (Suplente)

Representante da Câmara de Ensino de Graduação

Thissiane Fioreto (Titular)

Alzira Salete Menegat (Suplente)

Representante da Câmara de Extensão e Cultura

Fernando Perli (Titular)

Victor Hugo Rodrigues de Souza (Suplente)

Representante do Conselho Universitário

Eliane Souza de Carvalho

Representante da Comunidade Externa

Diagramação: Editora Educação Literária

Impressão: Gráfica CS LTDA



SUMÁRIO

7	Introdução
9	Histórias do fundo da memória
11	Os três cachorros mágicos
21	Os três cabritinhos
27	O sapo e o boi
31	O macaco e o grão de milho
39	A festa no céu
45	A massa e a pita
57	A história da cabra barbana e do galinho do biquinho torto
63	O príncipe encantado: cobra de dia, príncipe à noite.
73	As aventuras de joãozinho: perdido na floresta
83	Cadê o toucinho que estava aqui?
85	As histórias de pedro malasartes
87	A panela mágica
91	O chapéu mágico
95	O pássaro mais raro do mundo
99	O cavalo sem rabo e os desbeiçados
103	O enforcamento



INTRODUÇÃO

Sinto imensa alegria em escrever histórias para os pequeninos ou para os pais repassá-las aos filhos. Não à toa o título do livro é: "Histórias para crianças grandes e pequenas". São histórias antigas, recuperadas do fundo da memória, lembranças de quando era pequeno e ouvia atentamente meus avós, tios, pai e mãe contarem histórias fantásticas, que davam asas enormes e poderosas à minha imaginação.

Quando me vieram os filhos, sabendo por experiência própria da importância do lúdico na formação das crianças, repassei a eles as histórias que havia ouvido.

Agora, passado dos setenta anos de minha existência, já com os filhos maduros, percebo que eles também, assim como eu, gostaram das histórias que ouviram. Pedem-me que as escreva para que não se percam. Então, atendendo-os, selecionei apenas as histórias mais antigas, sabe-se lá inventadas por quem, mas que passaram de pais para filhos e que julgo correrem o risco de serem perdidas pela tradição oral.

Tenho a mais absoluta convicção de que nem mesmo a televisão ou o celular, com toda a tecnologia existente, consegue substituir os avós, tios e pais, contando carinhosamente histórias infantis para embalar a



imaginação de seus pequenos. Por isso o meu desejo é que este livro seja lido pelos pais, e as histórias nele contidas (re)contadas aos pequenos, com paciência, oferecendo-lhes respostas adaptadas ou recriadas diante das eventuais perguntas; (re)contadas com ênfase, suspense, suspiros, sorrisos e, acima de tudo, com carinho, muito carinho.

*Wilson Valentim Biasotto
(in memoriam)*



PARTE I

HISTÓRIAS
DO FUNDO DA
MEMÓRIA





OS TRÊS CACHORROS MÁGICOS

Em um reino distante, morava uma princesa muito bonita, filha única de um rei e de uma rainha muito bondosos.

Um dia, a rainha, preocupada com o futuro da princesa, disse ao rei:

– Majestade, a nossa filha já tem idade para se casar, precisamos providenciar o seu casamento.

– Já tenho pensado nisso, disse o rei. Faremos uma grande festa no palácio e convidaremos todos os príncipes vizinhos. Escolheremos o melhor cavaleiro para se casar com a nossa filha.

Então, o rei marcou a festa. Durante uma semana inteira, os cavaleiros de todos os reinos poderiam participar e concorrer à mão da princesa.

Mas não pensem que a tarefa era fácil! Os candidatos precisavam ter um bom cavalo, capaz de saltar bem alto, e precisavam também saber manejar a espada. Isso, porque eles deveriam retirar, com a espada,



as duas alianças que seriam colocadas na ponta de um mastro localizado na mais alta janela do palácio.

* * *

A princesa, quando soube que os seus pais desejavam realizar o seu casamento, ficou muito preocupada, pensando em quem poderia ser o moço que viria a ser o seu marido.

Então, lembrou-se de chamar sua fada madrinha para ajudá-la.

– Ah! Boa fada madrinha, que será de mim?

A fada, alegre por ter sido lembrada, disse para a princesa não se preocupar. Ela daria um jeito naquilo.

– Fique tranquila, princesa, você vai ver! Tudo vai dar certo.

Então, a fada transformou-se em uma velha e saiu pelo mundo em busca de um jovem bondoso para se casar com a princesa.

Para experimentar a bondade dos rapazes, sempre que avistava um, deitava-se e fingia que tinha caído, mas os jovens desviavam-se dela e nem ouviam os seus apelos.

* * *

Um belo dia, andando por uma estrada, bem longe, viu um jovem que caminhava em sua direção.

A velhinha deitou-se à beira da estrada e ficou esperando. Quando o moço chegou mais perto, ela pediu socorro.

– Moço, acuda-me! Eu caí aqui, porque estou com muita fome e não consigo me levantar.



O moço rapidamente acudiu a velha senhora. Abriu seu bornal e repartiu com ela o pão que levava para a sua viagem. Deu-lhe também água de uma porunga que carregava consigo.

– Agora estou bem, disse a velha. Pode seguir o seu caminho. Mas, antes, me diga, bom moço: para onde você estava indo?

O moço respondeu-lhe que procurava melhor sorte na vida. Sua família era muito pobre e ele estava em busca de alguma oportunidade.

A velha, percebendo que tinha encontrado o moço que procurava, ensinou-lhe o caminho para o castelo onde morava a princesa, dizendo-lhe que, quem sabe, ele encontraria lá o que buscava.

Quando o moço, agradecido, já tinha começado a andar, a velha o chamou novamente e lhe deu de presente três cachorros muito bonitos.

– Este é rápido como o vento, se precisar de alguma coisa, chame-o dizendo apenas o seu nome: Corta-Vento.

– Este outro, disse a velha, também é rápido, mas, além de ser rápido, ele pode lhe trazer tudo o que precisar. Basta chamá-lo pelo nome: Traz-de-Tudo.

– Este terceiro é forte como ninguém nunca viu. Tem os dentes mais poderosos do mundo. Se precisar dele, chame-o pelo nome: Rompe-Ferro. Não se esqueça: Corta-Vento, Traz-de-Tudo e Rompe-Ferro. Agora vá, disse a velha. Siga o caminho que lhe ensinei. A sua bondade será recompensada.

* * *

O moço seguiu o caminho que a velha lhe ensinou, e o três cachorros acompanhavam-no de longe.

Quando ia chegando à noite, ele encontrou um ria-cho onde se banhou. Depois, sentou-se debaixo de uma árvore.

Estava com muita fome, mas lembrou-se de que havia repartido o seu pão com a velha.

– Que fazer? O jeito é dormir com a barriga vazia.

Quando já se preparava para deitar, avistou de longe os três companheiros de viagem.

– Epa! E os cachorros? Será que fazem mesmo o que aquela senhora me disse?

O moço, então, gritou:

– Traz-de-Tudo!

Num piscar de olhos, viu aparecer em sua frente um daqueles belos cachorros que a velha havia lhe dado.

– Vá, Traz-de-Tudo! Traga-me um bom jantar.

O cachorro virou-se e sumiu. Não demorou quase nada e voltou trazendo nos dentes uma grande cesta com o pedido do moço.

Como era bastante a comida, o moço, ainda deslumbrado, chamou os três cachorros e, com eles, repartiu o jantar. Depois, dormiu a noite toda.

Na manhã seguinte, mal o sol tinha nascido, o moço recomeçou a sua viagem, sempre seguido pelos três cachorros.

Dias depois, percorrendo a rota que a velha lhe havia ensinado, chegou no reino do rei que queria casar sua filha.





Era grande o movimento perto do castelo onde morava o rei, a rainha e a princesa. Príncipes de todo o mundo lá estavam para tentar cumprir a tarefa dada pelo rei.

* * *

O moço, sem saber o que se passava, bateu à porta do castelo para perguntar, mas os guardas, vendo que ele não era um príncipe e, ainda mais, vendo que era um moço pobre, ao invés de mandá-lo entrar, mandaram prendê-lo.

– Onde já se viu? Disse um dos guardas. Um moço pobre querendo casar-se com a princesa? Como ele tiraria, com a ponta da espada, as alianças que estão dependuradas no mastro do castelo? Nem um cavalo o coitado tem, muito menos uma espada!

– Prendam-no! Levem esse moço para a prisão! Amanhã, depois que um dos príncipes tirar as alianças, podem soltá-lo.

Os guardas levaram-no para um local abandonado, bem longe do palácio, e jogaram-no em uma cela.

Como as grades de ferro eram muito grossas, tão grossas que ninguém jamais poderia escapar, os guardas largaram o pobre rapaz lá, sozinho, sem água, sem comida, sem nada.

Ele ficou pensando como faria para escapar. Lembrou-se, então, dos cachorros. Percebendo que estava completamente sozinho, chamou bem alto:

– Rompe-Ferro!

Num instante, apareceu diante dele o cachorro.

– Vamos, disse o moço, rompa esses ferros para mim.



Imediatamente, o cachorro obedeceu e, com os seus dentes fortes, cortou os ferros, libertando-o.

Livre, ele foi até um riacho próximo, banhou-se e, em seguida chamou:

– Traz-de-Tudo! Vá e traga-me um bom jantar.

Traz-de-Tudo, num instante, foi e voltou com uma cesta cheia de comida.

Mais uma vez, o moço repartiu a comida com os seus três amigos. Depois, ficou pensando naquela conversa dos guardas.

– Ah! Pensou, ele. Então é assim? Quem conseguir tirar as alianças colocadas na ponta do mastro do castelo com uma espada vai se casar com a princesa. Como vou fazer para conseguir isso?

E pensando, pensando, o moço adormeceu.

* *

No dia seguinte, mal o sol tinha apontado, o moço levantou-se assustado, com medo de ter perdido a chance de tirar as alianças da ponta do mastro.

– Ai, meu Deus! Que eu faço agora? O castelo é longe, e a disputa vai ser bem cedo!

– Traz-de-Tudo! Traga-me uma roupa de príncipe.

Num piscar de olhos, lá estava a roupa.

E o moço, enquanto ia se vestindo, gritou:

– Rompe-Ferro! Abra um atalho até o castelo!

– Traz-de-Tudo! Vá rápido pelo caminho que Rompe-Ferro está abrindo e deixe, na entrada do castelo, o melhor cavalo que existir, já arreado e com uma espada preparada.

Quebra-Vento, leve-me rapidamente até onde está o cavalo.

* * *

E lá estava o moço na porta do castelo!

- Bom dia, seu guarda. Será que ainda há tempo para eu participar da competição?

O mesmo guarda que, no dia anterior, tinha mandado prender o moço, vendo aquele cavaleiro montado em um cavalo branco como a neve e tão bem vestido, pensando que fosse um verdadeiro príncipe, disse que sim.

- Levem esse príncipe para o local da prova imediatamente, disse o guarda para os outros.

- Sim, senhor! Responderam os guardas que haviam aprisionado o moço, mas que agora não o reconheciam.

Levaram o moço para a frente do castelo, onde os príncipes do mundo inteiro tentavam inutilmente retirar as alianças que estavam colocadas na ponta do mastro.

* * *

O moço levantou os olhos e viu a princesa na janela do castelo onde estava o mastro com as alianças. A princesa era tão linda que o moço não conseguia nem piscar os olhos.

Nesse momento, a princesa também olhou para aquele cavaleiro desconhecido e, porque ele lhe agradou, abanou-lhe um lencinho branco que tinha nas mãos.

O coração do pobre moço gelou, mas ele suspirou fundo e foi para a prova.



Tomou distância, soltou as rédeas de seu cavalo e, quando ele saltou bem alto, levantou a espada e tirou as alianças que estavam na ponta do mastro.

O povo todo do reino, que estava assistindo àquela prova, aplaudiu e deu vivas.

A princesa sorriu feliz.

Quem não gostou nada foram os outros concorrentes, mas ninguém teve coragem nem de se aproximar do cavaleiro: Rompe-Ferro tinha se colocado à frente do cavalo, Traz-de-Tudo, do lado direito, e Corta-Vento, do lado esquerdo. E, assim, nessa formação, com a espada levantada e as alianças na ponta, aproximou-se da janela onde estavam o rei e a rainha e entregou ao rei as alianças. Em seguida, olhou para a janela mais alta, onde estava a princesa, e os dois sorriam satisfeitos.

* * *

No dia seguinte, foi realizado o casamento. O rei e a rainha deram uma grande festa e convidaram todo o povo.

Corta-Vento trouxe os pais do noivo para morarem no castelo. Traz-de-Tudo trouxe um baú cheio de moedas de ouro. Rompe-Ferro não descuidava do moço. Estava sempre por perto para protegê-lo.

Todos ficaram muito felizes, pois bem sabiam que, quando o rei e a rainha morressem, o reino continuaria a ser governado com a mesma bondade.

* * *

FIM





OS TRÊS CABRITINHOS

Em uma região muito bonita, rodeada por montanhas, havia um vale onde moravam três cabritinhos. Um deles ainda era bem pequeno, o outro não era nem muito pequeno e nem muito grande, era médio, e o terceiro era um cabrito bem grande.

* * *

Todas as manhãs eles se levantavam e saiam em busca de alimentos, pulando e cantando assim:

Tip top top,
tip top top,
Grama verdinha para comer
Tip top top,
Tip top top,
Água fresquinha para beber.

* * *



Um belo dia, o cabritinho bem pequeno, o menorzinho, acordou mais cedo e, ao invés de esperar os outros irmãos, saiu sozinho para encontrar alimento.

E lá se foi o cabritinho, cantando alegremente com sua voz suave:

Tip top top

Tip top top

Grama verdinha para comer

Tip top top

Tip top top

Água fresquinha para beber.

* * *

O cabritinho chegou ao rio para beber água e estava bem distraído quando ouviu uma voz alta e grossa que lhe causou arrepios:

– Quem é que está bebendo da minha água?

Ao levantar seus pequenos olhos, avistou um enorme lobo, para quem respondeu.

– Sou eu, seu lobo, um cabritinho bem pequenininho.

– Ah! Então, eu vou comer você.

– Não, seu lobo, não me come, não! Aí atrás vem vindo o meu irmão, que é maior do que eu.

O lobo, que era muito guloso, falou:

– Ah! Então, vou esperar o seu irmão.

* * *

Não demorou, o cabritinho que não era nem muito pequeno e nem muito grande, era médio, acordou e saiu cantando:





Tip top top
Tip top top
Grama verdinha para comer
Tip top top
Tip top top
Água fresquinha para beber...

* * *

Quando o cabritinho foi beber água...
Quem apareceu? O lobo. Isso mesmo, o lobo, que
foi logo berrando bem grosso:

- Quem é que está bebendo da minha água?
- Sou eu, seu lobo, um cabritinho nem muito pe-
queno e nem muito grande.
- Ah! Então, eu vou comer você.
- Não, seu lobo, não me come, não! Aí atrás vem
vindo o meu irmão, que é bem maior do que eu.

O lobo, que era muito guloso, falou:

- Ah! Então, eu vou esperar o seu irmão.

* * *

Quando o cabritão, que era muito maior que os ou-
tros, acordou e viu que os seus irmãos já haviam saído,
deu um pulo e saiu também, cantando grosso e forte:

Tip top top
Tip top top
Grama verdinha para comer
Tip top top
Tip top top
Água fresquinha para beber.

* * *



Quando o cabrito maior foi beber água, adivinhe quem apareceu? Isso mesmo, o lobo!

- Quem é que está bebendo da minha água?
- Sou eu, seu lobo, um cabritão bem forte e bonito.
- Ah! Então, eu vou comer você.
- Pode vir seu lobo, eu não tenho medo.

O lobo foi para comer o cabrito, mas ele era grande e forte e deu uma cabeçada no lobo, deu outra cabeçada no lobo, deu outra cabeçada no lobo...

E o lobo guloso saiu correndo, correndo, todo machucado, sumiu no mato e nunca mais apareceu.

Então, os três cabritinhos se encontraram e fizeram uma grande festa, cantando assim:

Tip top top
Tip top top
Grama fresquinha para comer
Tip top top
Tip top top
Água fresquinha para beber.

FIM



O SAPO E O BOI

O sapo morava em uma lagoa de água bem limpinha. Tinha tudo o que precisava para levar uma feliz vida de sapo, mas nunca estava contente. Vivia resmungando.

Um dia, dona sapa, cansada de ver que o sapo não dava mais um pulo sequer sem reclamar, perdeu a paciência e perguntou ao marido o que ele tinha, porque reclamava tanto, porque vivia resmungando de um lado para o outro.

O sapo ficou com um pouco de vergonha de dizer, mas dona sapa insistiu tanto, que ele contou o motivo de sua reclamação.

– É que eu moro aqui na lagoa e só consigo tomar um pouquinho de água. O boi, que nem mora aqui, todo dia chega e bebe um montão de água.

– Deixe de ser invejoso, disse dona sapa, o boi bebe bastante água, porque é grande, nós, os sapos, bebemos menos, porque somos pequenos.





– Mas nós é que moramos na lagoa, disse o sapo. Dona sapa ainda tentou convencer o marido que a vida deles era muito boa, que deixasse de ser invejo, mas ficou quieta.

Então, o sapo, para mostrar que estava mesmo convencido de que tinha que competir com o boi, disse para a mulher:

– Ainda vou beber água igual ao boi, você vai ver!

Dito e feito. Um belo dia, quando o boi chegou para beber água, o sapo colocou-se ao seu lado.

Os dois foram bebendo daquela água fresquinha.

O boi, acostumado a tomar bastante água, nem notou o sapo ao seu lado, mas o sapo sentia-se muito importante, e foi bebendo, bebendo, foi inchando, inchando... até que estourou.

Dona sapa, coitada, chorou a morte do marido, mas que fazer? Bem que ela tentou avisar que sapo não é boi.

FIM





O MACACO E O GRÃO DE MILHO

Um macaquinho muito esperto conseguiu apanhar uma bonita espiga de milho numa plantação à beira da floresta onde morava.

Feliz da vida, foi comer o seu milho, bem sossegado, em uma casa de madeira que fazia algum tempo estava abandonada.

Comeu, comeu, já estava de barriguinha cheia e já pensava em tirar uma soneca, quando, de repente, um grão do milho caiu bem na fresta do assoalho.

O macaquinho ficou doido. Olhava pela fresta, arranhava, arranhava, mas não podia fazer nada. O grão de milho tinha caído debaixo do assoalho da casa.

Então o macaquinho, que não era bobo, teve uma ideia. Foi falar com o carpinteiro.

– Carpinteiro, vá lá em casa abrir o assoalho, pra eu pegar o meu grão de milho que me fazia tanto proveito.

– Eu não, respondeu o carpinteiro, não vou perder o meu tempo só por causa de um grão de milho.

O macaquinho ficou triste, mas não desistiu. Foi à casa do soldado.

– Soldado, prende o carpinteiro, pro carpinteiro ir lá em casa tirar um grão de milho que caiu debaixo do meu assoalho e que me fazia tanto proveito.

– Eu não, respondeu o soldado. Não vou prender o carpinteiro só por causa de um grão de milho.

Ah! Se você pensa que o macaquinho desistiu, está enganado. Ele foi à casa do rei.

– Rei, manda prender o soldado, pro soldado prender o carpinteiro, pro carpinteiro ir lá em casa tirar um grão de milho que caiu no meu assoalho e que me fazia tanto proveito.

– Eu não, respondeu o rei. Não vou mandar prender o soldado só por causa de um grão de milho.

O macaquinho não desistiu. Foi falar com a rainha.

– Rainha, manda prender o rei, pro rei prender o soldado, pro soldado prender o carpinteiro, pro carpinteiro ir lá em casa tirar um grão de milho que caiu no meu assoalho e que me fazia tanto proveito.

– Eu não, respondeu a rainha. Não vou mandar prender o rei só por causa de um grão de milho.

O macaquinho ficou pensando no que ia fazer, quando viu passar um ratinho bem à sua frente.

– Ei, ratinho, ratinho!

O ratinho estava meio apressado, mas mesmo assim parou para ouvir o amigo macaco.



– Ratinho, rói o vestido da rainha, pra rainha prender o rei, pro rei prender o soldado, pro soldado prender o carpinteiro, pro carpinteiro ir lá em casa tirar um grão de milho que caiu no meu assoalho e que me fazia tanto proveito.

– Eu não, respondeu o ratinho. Não vou roer o vestido da rainha só por causa de um grão de milho.

O macaco resolveu falar com o gato.

– Gato, pega o rato, pro rato roer o vestido da rainha, pra rainha prender o rei, pro rei prender o soldado, pro soldado prender o carpinteiro, pro carpinteiro ir lá em casa abrir o assoalho para eu pegar o meu grão de milho que me fazia tanto proveito.

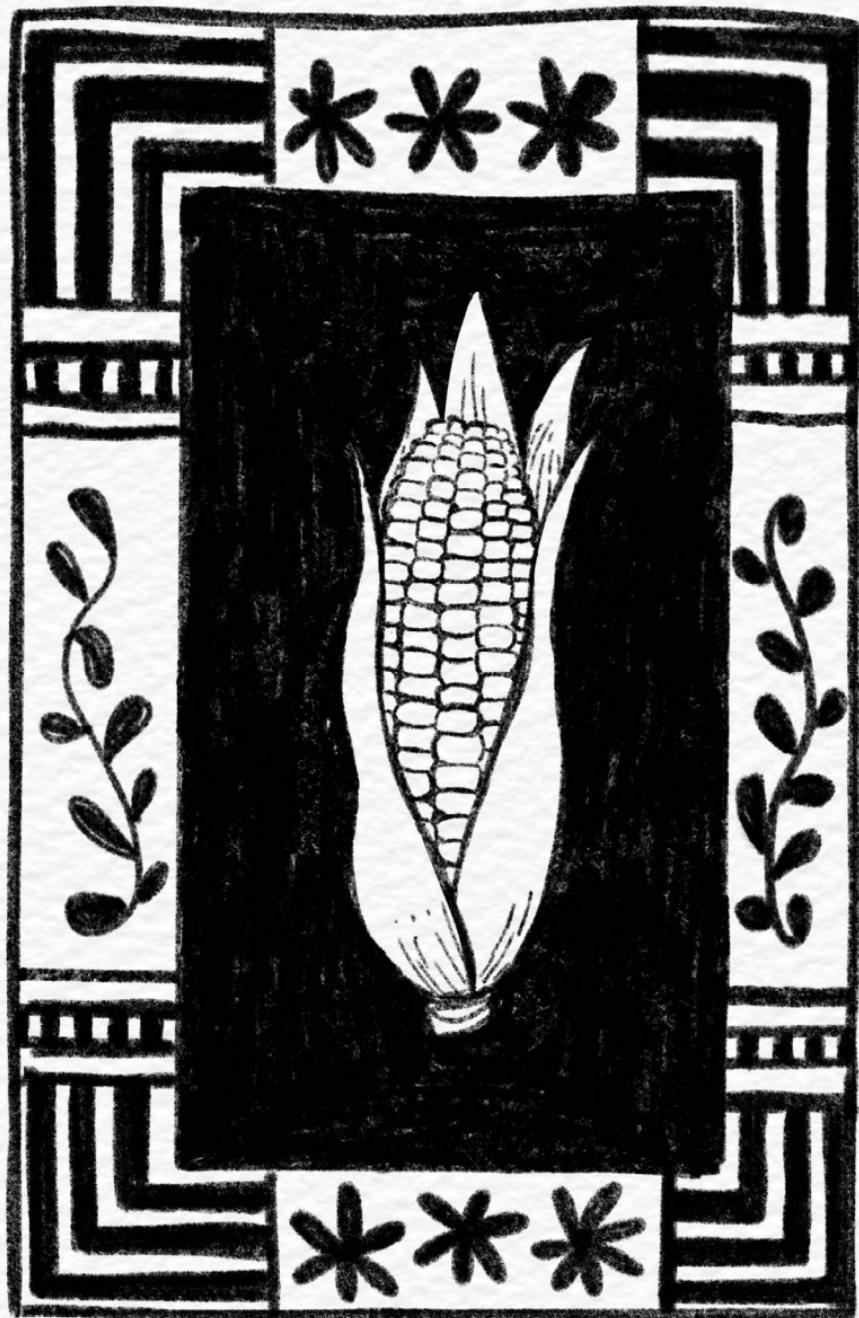
– Eu não, respondeu o gato. Não vou pegar o rato só por causa de um grão de milho.

Então, o macaco foi falar com o cachorro.

– Cachorro, pega o gato, pro gato pegar o rato, pro rato roer o vestido da rainha, pra rainha prender o rei, pro rei prender o soldado, pro soldado prender o carpinteiro, pro carpinteiro ir lá em casa abrir o assoalho para eu pegar o meu grão de milho que me fazia tanto proveito.

– Eu não, disse o cachorro. Não vou pegar o gato só por causa de um grão de milho.

– Ai, ai, ai, disse o macaco. Vou falar com o boi. Boi, pega o cachorro, pro cachorro pegar o gato, pro gato pegar o rato, pro rato roer o vestido da rainha, pra rainha prender o rei, pro rei prender o soldado, pro soldado prender o carpinteiro, pro carpinteiro ir



lá em casa abrir o assoalho para eu pegar o meu grão de milho que me fazia tanto proveito.

– Eu não, disse o boi. Não vou pegar o cachorro só por causa de um grão de milho.

O macaquinho não desistiu. Foi falar com o pau.

– Pau, bate no boi, pro boi pegar o cachorro, pro cachorro pegar o gato, pro gato pegar o rato, pro rato roer o vestido da rainha, pra rainha prender o rei, pro rei prender o soldado, pro soldado prender o carpinteiro, pro carpinteiro ir lá em casa abrir o assoalho para eu pegar o meu grão de milho que me fazia tanto proveito.

– Eu não, disse o pau. Não vou bater no boi só por causa de um grão de milho.

O macaquinho, então, foi falar com o fogo.

– Fogo, queima o pau, pro pau bater no boi, pro boi pegar o cachorro, pro cachorro pegar o gato, pro gato pegar o rato, pro rato roer o vestido da rainha, pra rainha prender o rei, pro rei prender o soldado, pro soldado prender o carpinteiro, pro carpinteiro ir lá em casa abrir o assoalho para eu pegar o meu grão de milho que me fazia tanto proveito.

Eu não, disse o fogo. Não vou queimar o pau só por causa de um grão de milho.

O macaquinho não desistiu. Foi falar com a água.

– Água, apaga o fogo, pro fogo queimar o pau, pro pau bater no boi, pro boi pegar o cachorro, pro cachorro pegar o gato, pro gato pegar o rato, pro rato roer o vestido da rainha, pra rainha prender o rei, pro rei prender o soldado, pro soldado prender o carpinteiro,

pro carpinteiro ir lá em casa abrir o assoalho para eu pegar o meu grão de milho que me fazia tanto proveito.

A água, então, falou:

– Pode deixar, macaquinho, eu vou apagar o fogo.

Quando a água foi para apagar o fogo, o fogo falou:

– Não me apague que eu queimo o pau.

Quando o fogo foi queimar o pau, o pau falou:

– Não me queime que eu bato no boi.

Quando o pau foi bater no boi, o boi falou:

– Não me bata que eu pego o cachorro.

Quando o boi foi pegar o cachorro, o cachorro falou:

– Não me pegue que eu pego o gato.

Quando o cachorro foi pegar o gato, o gato falou:

– Não me pegue que eu pego o rato.

Quando o gato foi pegar o rato, o rato falou:

– Não me pegue que eu roo o vestido da rainha.

Quando o ratinho foi roer o vestido da rainha, a rainha deu um grito:

– Não roa o meu vestido que eu mando prender o rei.

Quando a rainha foi para prender o rei, o rei disse:

– Não me prenda que eu mando prender o soldado.

Quando o rei foi prender o soldado, ele falou:

– Não me prenda que eu prendo o carpinteiro.

Quando o soldado foi prender o carpinteiro, o carpinteiro, falou:

– Não me prenda que eu vou lá na casa do macaquinho abrir o assoalho.

* * *

Então, o carpinteiro pegou a sua caixa de ferramentas e foi abrir o assoalho do macaquinho, mas, para surpresa do próprio macaco, já havia passado tanto tempo, que aquele grão de milho tinha nascido, formado um belo pé de milho e dado uma grande espiga, que o macaquinho pegou e saiu todo contente comendo e assobiando.

* * *

FIM





A FESTA NO CÉU

– Vai ter uma grande festa no céu! Gritou forte o tuiuiú.

– Tô fraco, tô fraco, tô fraco mas vou, tô fraco mas vou, disse a galinha de angola.

De bico em bico, a notícia da festa no céu foi se espalhando, e a passarada estava muito animada, aguardando o grande dia.

Os pássaros que moravam à beira da lagoa estavam agitados. Faziam uma barulheira danada; todos queriam falar ao mesmo tempo.

Os quero-queros faziam uma gritaria aguda e, quando o jaburu lhes perguntou se queriam mesmo ir para a festa no céu, fizeram um alvoroço:

– Quero, quero, quero, quero, quero, gritavam eles.

Todos queriam ir à festa no céu.

A saracura, muito assanhada, dizia que queria ir à festa no céu para contar pra todo mundo que tinha

quebrado três potes. E começou até mesmo a ensaiar uma música, junto com o sapo cururu, que insistia em dizer que a saracura, na verdade, tinha quebrado um pote só.

Então, a saracura cantava:

Quebrei três potes,
três potes,
três potes.

E o cururu respondia:
Um pote só,
um pote só.

E, depois de muito ensaiada, a música ficou bem bonitinha:

Saracura:

Quebrei três potes,
três potes,
três potes.

Sapo cururu:

Um pote só,
Um pote só.

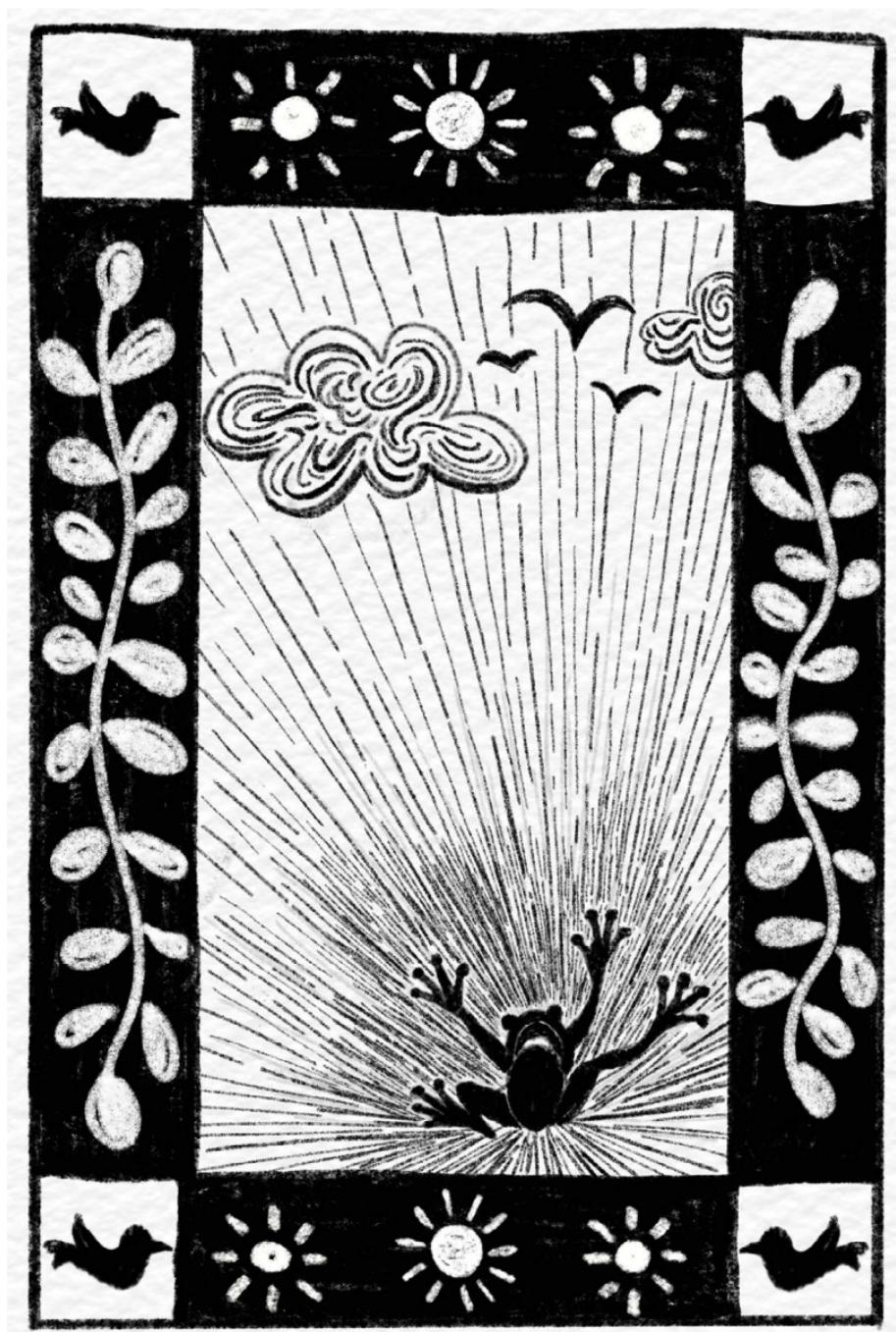
* * *

Com essa animação toda, o sapo também se assanhou de tal modo, que queria, porque queria ir também à festa no céu.

– Mas como ir à festa no céu sem ter asas para voar? Pensou alto o sapo.

Ficou pensando, pensando... e observando todo aquele movimento.





Sem asas, não poderia ir à festa, mas será que não haveria outro jeito?

– Ah, pode deixar! Disse o sapo. Vocês vão ver! Eu vou para essa festa no céu.

Então, no dia da festa, o sapo deu um jeito. Pulou dentro da viola do urubu e ficou bem quietinho lá dentro.

O urubu, de tão animado que estava, nem percebeu que a sua violinha estava mais pesada e voou alegre para o céu, sem notar que levou o sapo com ele.

Quando chegou ao céu, pôs a viola de lado, e o sapo, muito esperto, pulou para fora.

Os pássaros estavam todos tão felizes que nem sequer se deram conta de que o sapo estava lá com eles.

E a festa no céu, não precisa nem falar. Foi um sucesso. A passarada comeu, bebeu, cantou, e o sapo junto.

E como os pássaros cantaram! Uns cantaram tanto que ficaram roucos, como a pomba do ar. Até hoje, só emite uns sons que mais parecem que está resfriada.

* * *

No outro dia, acabada a festa, os pássaros começaram a voltar para a terra.

O sapo, quando viu que o urubu ia pegar a viola, pulou dentro dela novamente e ficou quietinho.

O urubu bateu asas para voltar para sua casa, mas, se quando subiu estava tão animado que nem desconfiou que a viola estava pesada, agora, cansado da festa, percebeu que estava mais pesada que de costume.



Foi então que o urubu descobriu o sapo dentro de sua viola.

– Ah, disse o urubu, foi assim que você chegou ao céu? Dentro da minha viola?

– Me desculpe, compadre urubu. A minha vontade de ir à festa era tanta que pensei que o compadre não fosse se incomodar.

O urubu pensou, pensou e, depois, muito enfezado por ter sido enganado pelo sapo, foi dizendo:

– Não tem desculpa coisa nenhuma. Tá vendo aquele fogo lá embaixo? Pois eu vou jogar você lá.

– Hahaha! Riu o sapo. Isso mesmo, isso mesmo que eu gosto.

– Você gosta de fogo? Então, não jogo.

E o urubu voou mais um pouco e viu uma lagoa.

– Muito bem, já que você gosta de fogo, então, vou jogar você naquela lagoa.

O sapo começou a chorar:

– Não, lá não. Não, compadre urubu, não me jogue, não me jogue na lagoa, que eu vou me afogar.

O urubu, pensando que o sapo dizia a verdade, jogou-o com todo gosto.

Feliz da vida, o sapo caiu na lagoa e gritava bem alto para o urubu escutar:

– Era isso mesmo que eu queria. Enganei um bobo na casca do ovo.

* * *

FIM





A MASSA E A PITA

Num reino distante, moravam um rei, uma rainha e uma princesa muito inteligentes. Além de inteligentes, tinham uma memória impressionante.

Para a princesa, bastava ouvir uma história uma vez, e ela era capaz de repeti-la inteirinha, palavra por palavra.

Quanto à rainha, bastava que ouvisse uma história duas vezes, que ela era capaz de repeti-la também, palavra por palavra.

O rei também tinha uma memória muito boa. Bastava que ouvisse três vezes uma história, por mais complicada que fosse, que ele era capaz de repeti-la inteirinha, palavra por palavra.

Quando a princesa ficou moça, a rainha chamou o rei e disse-lhe:

– Já é hora de nossa filha se casar.



O rei ficou muito preocupado. Além de ter boa memória e de ser inteligente, a princesa era muito bonita.

– Ai, ai ai, disse o rei, o que vou fazer? Tenho que arrumar um bom casamento para a princesa. Assim, o povo do reino continuará feliz.

Depois de muito pensar e de trocar ideias com a rainha e com a princesa, o rei decidiu que ela se casaria com o moço que soubesse contar uma história tão difícil que eles não soubessem decifrar.

A notícia logo se espalhou pelos quatro cantos da Terra. Príncipes do mundo inteiro se inscreviam para contar uma história.

Quando os candidatos chegavam, eram levados para um salão do palácio e contavam a história para a princesa.

A princesa ouvia com bastante atenção e, quando o moço acabava a história, ela dizia que já a conhecia. Então, repetia a história para o moço.

Depois, chamava a sua mãe e perguntava se a rainha conhecia aquela história.

A rainha, que ficava escondida atrás da cortina, como tinha ouvido a história duas vezes, repetia direitinho.

Depois, a princesa chamava seu pai e perguntava-lhe se ele sabia aquela história. O rei, que já tinha ouvido o moço, a princesa e a rainha contar a história, repetia-a direitinho, palavra por palavra.

Os príncipes ficavam surpresos e saiam contando como tinham sido rejeitados.



Os candidatos, sabendo que não iriam conquistar a princesa com qualquer historinha, procuravam inventar histórias compridas e complicadas. Mas nada adiantava. Graças à boa memória da princesa, da rainha e do rei, todos saiam derrotados.

Então, os pretendentes começaram a acrescentar adivinhas no meio das histórias para ver se conseguiam vencer o desafio que o rei havia estipulado.

Mas não tinha jeito, além de boa memória, a princesa, a rainha e o rei eram também muito inteligentes e, por isso, decifravam todas as adivinhas.

* * *

Um belo dia, um moço que morava no local mais distante do reino ficou sabendo da vontade que o rei tinha de casar a sua filha. Chamou os seus pais e disse-lhes que ia partir para se casar com a princesa.

– Você está louco, meu filho! O que um pobre camponês como você vai fazer lá no palácio?

– Não vá, meu filho! Disse o pai. O rei vai mandar cortar o seu pescoço!

Não conseguindo por nada nesse mundo convencer o filho a ficar, a mãe fez um bolo e entregou ao filho, que partiu levando consigo, além do bolo, a sua cachorrinha.

Depois de muito andar, de atravessar todo o reino, o moço chegou enfim à porta do palácio e disse que queria contar a sua história para a princesa.

- De jeito nenhum, disse o guarda do palácio. Onde já se viu, um caipira como você querer casar com a princesa?



Mas o moço, que de bobo não tinha nada, formou uma confusão tão grande que o rei foi até a janela para ver o que é que estava acontecendo.

Então, o moço explicou que vinha para contar uma história para a princesa e que não lhe queriam deixar entrar.

– Majestade, disse o moço reconhecendo o rei, quando o senhor determinou casar a princesa, o senhor não disse se era com príncipe ou com um simples camponês como eu. O senhor disse que a princesa se casaria com quem lhe contasse uma história que ela não decifrasse.

– Está certo, disse o rei. Pode entrar.

O moço entrou puxando um baú velho, sentou-se em frente à princesa e contou a sua história:

* * *

Saí de casa com a massa e a Pita,
De Pita, matei quatro,
De quatro matei sete,
De sete escolhi a melhor.
Atirei no que vi,
Matei o que não vi,
Com lenho santo assei e comi,
Coisa esquisita no mundo...
é um morto carregando quatro vivos
E o que o burro sabia
O homem não sabia.

* * *





A princesa, que tinha a boa memória, repetiu a história, mas não conseguiu explicar as adivinhas.

Quando a rainha foi chamada, também repetiu a história, mas não soube responder às adivinhas.

O rei, da mesma forma, repetiu apenas a história, sem saber decifrar as adivinhas.

O rei coçou a barba e pensou, pensou... e, então, disse ao moço:

- É muito boa a sua história e melhor ainda são as adivinhas. Como está tarde, vou mandar arrumar um quarto para você descansar e, amanhã cedo, se a princesa não souber responder, você se casará com ela.

Foi o moço para o quarto, puxando o seu baú velho.

* * *

Quando o rei viu que o moço entrou no quarto, ao invés de ir dormir, mandou chamar às pressas todos os sábios da corte para ver se eles conseguiam decifrar as adivinhas da história que o moço tinha contado.

Passaram a noite inteira procurando descobrir os mistérios daquela história. Mas nada!

Ao amanhecer o dia, o rei mandou chamar o moço, mas, antes que ele chegasse, foi à cozinha do palácio e pediu para o cozinheiro esconder alguma coisa dentro de uma caixinha, que ele ainda tentaria fazer uma pergunta ao moço para ver se livrava a filha de se casar com ele.

O cozinheiro, não tendo outra coisa à mão, cortou o rabinho do porco que ele ia preparar para o almoço e colocou dentro da caixa.



Dante de todos os sábios, da rainha, da princesa e do próprio moço, o rei falou:

– Muito bem, você contou uma história com muitas adivinhas que nós não soubemos responder, mas antes de lhe conceder a mão da princesa em casamento, você tem que adivinhar o que é que tem dentro dessa caixa e, depois, explicar muito bem explicada essa história que você contou.

O moço olhou para a caixa, coçou a cabeça e, não sabendo o que responder, usou uma frase que ele sempre falava quando não sabia alguma coisa:

– Aí é que a porca torce o rabo, majestade.

A princesa, que até então estava quieta, mas que já começava a gostar do moço, falou rapidamente:

– É isso, é um rabo de porco que tem na caixa. Agora conte a história e explique as adivinhas. Estou ansiosa por saber.

* * *

– Está certo, disse o moço, vou contar tudo direitinho. Quando eu soube que o rei concederia a mão da princesa a quem contasse uma história com adivinhas que ela não soubesse responder, eu chamei meus pais e disse-lhes que tinha a intenção de concorrer. Meus pais não queriam que eu viesse e, depois de muito insistirem para eu não vir, minha mãe pediu para que eu esperasse ela fazer um bolo para levar na viagem. De medo que o rei mandasse me matar e também a toda minha família, por ter me deixado vir, minha mãe colocou veneno no bolo.



Todos olharam espantados para o moço, que continuou:

– Eu, não sabendo de nada, saí acompanhado de minha cachorrinha, chamada Pita. Fica explicado, então: “saí de casa com a massa e a Pita”, quer dizer, o bolo e minha cachorrinha. Pois bem, depois de muito andar, já cansado, deitei-me à sombra de uma árvore para descansar. Adormeci.

A princesa, sentada em uma cadeira, inclinou-se para frente, demonstrando sincero interesse na continuidade da história.

– Pita, minha cachorrinha, aproveitando que eu estava dormindo, comeu o bolo envenenado e morreu. Depois, vieram quatro urubus para comer a Pita, mas como ela estava envenenada, os quatro morreram. Fica explicado que “de Pita matei quatro”.

Um grande silêncio se fez na sala do castelo. Todos estavam muito curiosos para descobrir o que de fato havia acontecido.

– Muito bem. Nem sei o que me deu na cabeça, que eu tirei todas as penas daqueles urubus e os levei comigo. Segui o meu caminho e, quando eu ia atravessar uma ponte, apareceram sete ladrões. Eu não tinha nada para lhes dar, então, eles me tomaram os urubus, pensando que fossem frangos, e se alimentaram com eles. Como os urubus estavam envenenados, os sete ladrões morreram. Fica explicado que “de quatro, matei sete”.

– Mas o que significa: “de sete escolhi a melhor”? Perguntou a rainha.



– Ora, todos os ladrões estavam armados com uma espingarda. Das sete espingardas que eles tinham, escolhi a melhor.

O rei, a essa altura, bastante curioso com a história e admirado pela inteligência do moço, já não parecia mais tão preocupado em casar a filha.

– Continuei o meu caminho, disse o moço, carregando a espingarda no ombro. Já estava quase morrendo de fome quando me apareceu, na estrada, um belo pássaro. Tirei a espingarda do ombro, fiz a mira e atirei. Errei o tiro no passarinho, mas, para a minha sorte, ia passando um coelho e a bala o acertou. Quer dizer, “atirei no que vi, matei o que não vi”.

O rei, então, perguntou:

– O que quer dizer “com lenho santo assei e comi”?

– Procurei ao redor para ver se tinha algum pedaço de lenha para assar o coelho, mas somente vi uma cruz fincada na terra. Quase morto de fome, arranquei a cruz, fiz o fogo, assei o coelho e o comi.

No salão do castelo, ouvia-se um burburinho: as pessoas cochichavam sobre a interessante história.

– Segui a minha viagem e, quando estava sobre uma ponte, atravessando um grande rio, tive a oportunidade de ver uma coisa muito esquisita. Um burro morto estava sendo levado pela correnteza, e quatro urubus equilibravam-se sobre a carcaça dele. “Era um morto carregando quatro vivos”.

O moço fez uma breve pausa e continuou:



– Enfim, quando estava quase chegando aqui no palácio, fiquei observando um burro que batia com as patas no chão, cheirava e batia novamente. Fui até o local e eis que encontro esse baú cheio de moedas de ouro. “O que o burro sabia, o homem não sabia”.

Então, o moço abriu o baú que levava consigo, e todos ficaram espantados com toda aquela riqueza.

No dia seguinte, o rei mandou buscar os pais do moço e foi feito o mais belo casamento que já se teve notícias.

* * *

FIM







A HISTÓRIA DA CABRA BARBANA E DO GALINHO DO BIQUINHO TORTO

Numa cidade distante chamada Barbana, vivia uma cabra muito descontente. Achava tudo ruim, tudo feio, nada para ela estava bom.

Um dia, bem cedo, resolveu abandonar tudo e sair pelo mundo.

Andou, andou, andou muito. Em nenhum lugar onde passava, encontrava vida melhor. Ao contrário, tudo era ainda mais difícil longe de sua família.

A cabra Barbana foi ficando cada vez mais enfezada, cada vez mais brava.

Não tinha medo de nada, brigava com todos os bichos que encontrava, mesmo que fossem maiores que ela.

A sua fama foi se espalhando por todo lado. Quando chegava a um lugar novo, todos ficavam com medo e ninguém queria enfrentá-la.





Mas, num belo dia, a cabra chegou a um terreiro onde encontrou um galo valente, destemido, que também não tinha medo de nada.

* * *

Para pôr medo no galo, a cabra Barbana foi logo dizendo:

Eu sou a cabra Barbana,
Com chifres agudos,
Dentes longos,
E cascos duros
Vem! Que lhe faço dois furos

* * *

O galinho, que não tinha medo de nada, abriu o bico e cantou bem alto:

Eu sou o galinho
do biquinho torto
Se vem aqui
Eu o enfio em seu corpo.

* * *

A cabra não perdeu tempo. Abaixou a cabeça e disparou na direção do galinho.

O galinho ficou só olhando.

Quando a cabra se aproximou, o galinho deu um pulo, passou por cima da cabeça da cabra e enfiou o seu biquinho nas costas dela.

E foi assim uma, duas, três, muitas e muitas vezes.



A cabra Barbana não sabia fazer outra coisa senão abaixar a cabeça e correr na direção do galinho para ver se o acertava.

Mas não tinha jeito. O galinho sempre esperava a hora certa para dar o pulo, cair nas costas da cabra e lhe enfiar o bico nas costas.

E foram tantas bicadas, que a Cabra Barbana, já muito cansada, saiu em disparada. Nunca mais se ouviu falar dela...

* * *

FIM









O PRÍNCIPE ENCANTADO: COBRA DE DIA, PRÍNCIPE À NOITE.

Um casal de camponeses vivia em um local muito afastado do reino e, embora fosse muito pobre, tinha uma filha encantadora.

Um dia, sem nenhum alimento para cozinhar, o pai chamou a filha para ajudá-lo.

– Nina, vamos, comigo, andar pelo campo, para ver se encontramos alguma rama para cozinhar.

Saíram os dois e andaram, andaram sem nada encontrar. O velho camponês já estava ficando desanimado, mas teve uma ideia.

– Vamos nos dividir, Nina. Você vai por esse lado e eu por aquele. Depois nos encontramos naquela árvore.

* * *

E assim fizeram. Andaram, andaram, até que Nina viu um pé de nabo enorme. Mais que depressa, agarrou as suas folhas e puxou, puxou com toda a força, mas o nabo nem se movia.



Nina não desanimava. Enxugava o suor da fronte e tentava novamente.

– Ai, meu Deus! Ajude-me, disse ela, dê-me forças para arrancar esse nabo para o nosso jantar.

E pegava novamente as folhas e puxava, puxava, com todas as suas forças, até que arrancou aquele enorme nabo do chão.

– Nossa, disse Nina, que buraco grande!

Deixou o nabo de lado e foi olhar aquele imenso furo no chão.

Quando estava olhando, escorregou e rolou para dentro do buraco.

* * *

No fundo do buraco onde havia caído, Nina encontrou um palácio enorme, muito bonito. Mas ela não pôde entrar. O palácio estava fechado e tudo era silêncio.

Boquiaberta com aquela visão incrível, Nina nem viu de onde apareceu uma velhinha que lhe desejou boa tarde.

A velha pediu para que Nina se sentasse em um banquinho branco que estava encostado no muro do Palácio e que escutasse o que ela tinha para contar.

– Nina, vou lhe contar um grande segredo.

– Um segredo!

– Sim, um segredo. Eu sou uma fada.

– Uma fada? Disse Nina, admirada.

– Sim, uma fada. Estou protegendo esse castelo e os seus moradores. Todos estão adormecidos graças



a um encanto meu. Menos o príncipe. Ah, pobre príncipe! Pior está ele, que se encontra enfeitiçado.

– Enfeitiçado? Perguntou Nina.

– Sim, enfeitiçado. Quando o príncipe nasceu, nem o rei e nem a rainha se lembraram de convidar uma fada para o seu batizado, e ela ficou furiosa. Transformou o príncipe em uma cobra e ia destruir tudo e todos, se não fosse eu entrar em ação. Rapidamente, eu lancei o meu encanto e disse: “cobra de dia, príncipe à noite”. Mais rápido ainda, escondi o Castelo nesse buraco para que a fada indignada não acabasse com tudo. Para que ninguém morresse por falta de ar, fiz uma mágica para todos dormirem e dormindo estão até que se acabe o encanto. Todos dormem, menos o príncipe, que é cobra durante o dia e príncipe durante a noite, até que o encanto se acabe.

– Puxa, disse Nina, eu arranquei o nabo e descobri o castelo. Mas como poderia quebrar o encanto?

– Sim, você arrancou o nabo e descobriu o segredo. Na verdade, ouvi a conversa que você teve com o seu pai. Sabia que estava procurando o que comer, então, encantei o nabo para que ficasse gigante. Agora, já não posso lhe dizer mais nada.

– Posso ao menos entrar no castelo? Perguntou Nina.

– Não. Tudo o que tem a fazer é partir. Leve esse novelo de linha e vá desenrolando até chegar a sua casa. Ah! Leve o nabo, porque assim, ao encontrar o seu pai, ele ficará tão contente que nem sequer notará o novelo.



* * *

Nina saiu do buraco, ajudada pela fada, e foi ao encontro do pai. Com uma das mãos puxava o nabo, com a outra desenrolava o novelo que a fada havia lhe dado.

Vendo a filha se aproximando muito cansada, o camponês correu ao seu encontro, colocou o nabo nas costas e seguiu feliz para casa.

Nina ia atrás desenrolando o novelo. Quando chegou ao quintal de sua casa, resolveu ir até o galinheiro. Quem sabe não encontraria um ou dois ovos para misturar com a sopa de nabo?

Não tendo encontrado nenhum ovo, correu para a cozinha e foi ajudar sua mãe a preparar a sopa de nabo. Na pressa, nem se lembrou que o novelo de linha tinha acabado bem dentro do galinheiro!

Nina, o pai e a mãe jantaram e, como já havia esfurecido, foram todos dormir.

* * *

Nina não conseguia dormir. Ficava pensando naquela história do príncipe que tinha virado cobra e no castelo enterrado debaixo de um pé de nabo.

Enquanto os pais dormiam, ela, que ainda estava acordada, ouviu uma voz vinda do galinheiro que dizia:

- Se o galo não cantasse
e se o sol não aparecesse
eu daqui não sairia.

Nina, que era uma moça muito corajosa, pulou da cama e correu até o galinheiro para ver o que era aquilo.



Quando chegou, viu que era um belo moço que lá estava, segurando o fio de linha que ela havia desenrolado.

– Ah! Então, é isso! A fada me deu o fio de linha para que, à noite, o príncipe viesse até mim. Vamos ver o que faço. Boa noite! Príncipe.

– Boa noite, jovem donzela. Só lhe digo que:

Se o galo não cantasse
e o sol não aparecesse
eu daqui não sairia.
E sendo príncipe durante o dia,
a ser cobra jamais retornaria.

Assim dizendo, o jovem príncipe afastou-se na escuridão da noite e, guiado pelo fio que Nina havia estendido, voltou para o seu castelo.

* * *

Nina foi para o seu quarto e depois de muito pensar naquilo que o príncipe havia falado, adormeceu.

No outro dia bem cedo, Nina chamou os pais e contou-lhes toda a história.

– Precisamos matar o nosso galo, disse Nina, para que ele não cante.

– A mãe poderia fazer-me esse favor? Assim, a senhora aproveita e faz uma bela canja para o príncipe, que certamente estará novamente no galinheiro essa noite.

– E o senhor, pai, pode me ajudar a tampar todos os buracos que houver no galinheiro para que a luz do sol não possa entrar lá?



Então, os três puseram-se a trabalhar. Nina e o pai cataram a palha do trigo, juntaram lascas de bambu, pegaram todos os trapos de roupa velha e tamparam todos os buracos do galinheiro. Não ficou nenhum buraquinho, tudo bem tampado.

E o galo virou canja.

* * *

À noite, Nina ouviu novamente a voz vinda do galinheiro:

– Se o galo não cantasse
se o sol não aparecesse
eu daqui não sairia.

E sendo príncipe durante o dia,
A ser cobra jamais retornaria.

Nina não teve dúvidas. Pegou o caldeirão com a canja e correu para o galinheiro.

– Boa noite, jovem donzela, disse o príncipe.
– Boa noite príncipe, o que faz você aqui?
– Venho lhe dizer que:

Se o galo não cantasse
Se o sol não aparecesse
eu daqui não sairia
e se fosse príncipe também durante o dia,
a ser cobra jamais retornaria.

– Pois então veremos, disse Nina.

Nina fechou a porta do galinheiro bem fechadinho e disse para o príncipe se acomodar para tomar uma canja.



Nina e o príncipe tomaram a canja, conversaram bastante e depois adormeceram.

Quando acordaram, estavam meio assustados. O silêncio era absoluto e o escuro era total. Então, adormeceram novamente.

* * *

Nina e o príncipe só acordaram muito depois quando ouviram uma voz do lado de fora falar:

– Está quebrado o encanto! Está quebrado o encanto!

Era a fada que vinha avisar:

– Era esse o encanto! Se o príncipe passasse o dia inteiro sem ouvir o galo cantar e sem ver a luz do sol, o encanto seria quebrado.

Nina e o príncipe abriram a porta do galinheiro e viram a fada feliz junto com os pais de Nina.

– Vamos, vamos todos para o palácio, disse a fada. O encanto está quebrado. Tudo voltou a ser como antes. O palácio voltou para o lugar, todos acordaram. Vamos, vamos todos saudar o rei e a rainha.

* * *

Quando o rei e a rainha viram o príncipe se aproximando, correram ao seu encontro e o abraçaram carinhosamente.

Então, o príncipe disse que aquela moça o havia salvado e que se o rei e a rainha abençoassem, ele queria se casar com ela.



E, como todos estavam de acordo e muito felizes, marcou-se uma grande festa! E houve o casamento e houve bolo e houve vivas!

* * *



AS AVENTURAS DE JOÃOZINHO: PERDIDO NA FLORESTA

Joãozinho vivia no campo com os seus pais e sua irmã Mariazinha. Era um menino alegre e muito esperto.

Um dia, Joãozinho disse que queria presentear a sua mãe com uma fruta diferente, queria ir apanhar um jatobá. Convidou a irmã para ir bem longe de casa, onde havia um jatobazeiro enorme.

– É muito longe e já está tarde, disse Mariazinha, eu não vou não. Mas leve esse bornal com essas frutas e esse pedaço de bolo. Você pode ficar com fome.

* * *

Joãozinho pegou o bornal, colocou no ombro e foi-se embora contente, porque ia buscar um presente para a sua mãe.

Andou, andou e quando foi atravessar a ponte de um rio, viu um peixe preso em um anzol que estava armado em um galho de árvore.

Joãozinho, com dó do animalzinho, foi na barranca do rio, puxou o galho com cuidado e, com mais cuidado ainda, retirou o anzol da boca do peixe.

Livre, o peixe deu três ou quatro saltos à frente de Joãozinho, mostrando o seu lombo dourado, como quem diz “muito obrigado”, depois mergulhou fundo e sumiu de vista.

* * *

Como tinha perdido muito tempo para soltar o peixe dourado, Joãozinho apertou o passo. Muito tempo depois, chegou a um bosque onde havia um enorme jatobazeiro.

Joãozinho olhou para o alto e viu que tinha muitos jatobás esperando por ele. Então, foi subindo, subindo, sem perceber que já estava escurecendo.

Olhando sempre para os jatobás, Joãozinho quase derrubou um ninho de canários. Não fosse o canário voar assustado, ele nem teria percebido o ninho.

Como que para se desculpar, Joãozinho retirou do bornal um bom pedaço de bolo, depositou-o no galho e afastou-se um pouco.

Vendo isso, o canário voou rápido em direção ao bolo e, com o seu biquinho, levava alegremente o alimento para os seus filhotes.

* * *

Joãozinho continuou subindo até achar um galho cheio de jatobás.

– Esse para a mamãe, esse para o papai, esse para a Mariazinha e esse para mim.



Encheu o bornal de jatobás e, quando começou a descer do galho onde estava, notou que tudo foi es- curecendo muito rapidamente. Tinha chegado a noite e Joãozinho não havia percebido.

Que fazer? Pensou ele.

Joãozinho dormiu ali mesmo, deitado sobre um enorme galho do jatobá.

* * *

No outro dia acordou bem cedo, junto com o sol. Comeu o pedaço de bolo que Mariazinha lhe dera e iniciou a descida.

– Nossa! Que altura! Nem sei como consegui chegar até aqui.

E assim, encantado com o Jatobá, olhando para a copa daquela árvore enorme, iniciou a sua caminhada de volta para casa.

Andou, andou, e quando já estava se sentindo cansado, percebeu que tinha errado o caminho. Joãozinho estava perdido na floresta.

* * *

Meio atordoado, Joãozinho sentou-se em um tronco, pôs a cabeça entre as mãos e, quando ia começar a pensar em como sair dali, viu bem a sua frente um tatu preso em uma rede de caçadores.

Joãozinho não teve dúvidas. Pegou o seu caniveteinho do bolso e cortou a rede para que o tatuzinho saísse dali.

O tatu olhou para o menino como quem diz “muito obrigado” e enfiou-se pelas ramas rasteiras da floresta até desaparecer.

Joãzinho também zarpou dali. Se os caçadores o pegassem, ai meu Deus, o que seria dele, que tinha cortado a rede para o tatu escapar!

* * *

Joãozinho saiu correndo, mas como a mata era cheia de cipós, não conseguia correr, então, andou, andou... e foi comendo a última fruta que Mariazinha tinha posto no bornal.

Quando estava escurecendo, Joãozinho resolveu subir em uma árvore para dormir. Mas, antes de subir, viu que pertinho daquela árvore tinha um areal branquinho. Então, teve a ideia de encher o bornal de areia para fazer um travesseiro.

* * *

Joãozinho subiu na árvore e quando encontrou uma forquilha bem ajeitada, que parecia uma cama, deitou-se e logo adormeceu.

Não demorou muito, Joãozinho acordou assustado. Uma onça pintada estava subindo pelo tronco da árvore.

A luz da lua iluminava aqueles olhos enormes que fizeram Joãozinho tremer de medo.

– Ai! Meu Deus! Disse Joãozinho. Que eu faço agora? Já sei!

O menino ficou bem quietinho, até que, quando a onça já estava bem perto dele, pegou a areia que tinha no bornal e jogou nos olhos dela.

Assustada e não podendo enxergar, a onça caiu da árvore e saiu correndo, dando trombadas nos troncos e cipós que se esparramavam pela mata.





Joãozinho então adormeceu e somente acordou quando o sol surgiu. Ao invés de descer da árvore, teve uma ideia. Subiu ainda mais, foi até o topo para ver se enxergava algum caminho.

Para sua alegria, bem perto dali, viu uma fumaça branca saindo de uma chaminé.

– Oba! Devo estar pertinho de minha casa. Vou correndo para lá!

* * *

Joãozinho desceu da árvore e correu o máximo que pôde para chegar até o lugar de onde saia a fumaça.

Ao chegar, viu que não era a sua casa, mas, com certeza, alguém estava lá dentro e lhe daria abrigo.

Joãozinho bateu à porta. Bateu, bateu, até que a porta se abriu.

Que susto! Era uma bruxa, que logo pegou Joãozinho pelos braços e o prendeu em uma gaiola enorme que tinha no fundo do seu quintal.

Mais tarde a bruxa levou bastante comida para Joãozinho.

– Coma bastante! Coma bastante!

A bruxa saiu dando uma gargalhada.

– Quando você estiver bem gordinho! Hahaha hahahahahaha!!!!

Joãozinho começou a comer. Estava com muita fome, mas logo percebeu que estava em apuros. A bruxa queria que ele engordasse para poder comê-lo.

* * *



Quando escureceu, Joãozinho escutou um barulhinho e ficou com medo. Logo viu que era o seu amigo tatu que estava ali.

O tatu começou a cavar um buraco de fora para dentro da gaiola. Quando chegou lá dentro, viu que o buraco era muito estreito e que Joãozinho não passaria por ele. Começou, então, a cavar de dentro para fora, depois de fora para dentro de novo, e assim foi alargando o buraco até que, de madrugada, quando o sol já estava começando a clarear o dia, Joãozinho conseguiu passar pelo buraco e escapar da gaiola da bruxa.

Olhou para um lado, olhou para o outro e, para a sua alegria, viu o canário que ele tinha alimentado, voando para frente e voltando para perto de Joãozinho. O menino percebeu que o passarinho queria que ele o seguisse.

Joãozinho ajoelhou-se na frente do tatu, bateu três palminhas em suas costas, em forma de agradecimento, e seguiu o canarinho.

O canarinho ia voando de galho em galho, e Joãozinho o seguia, correndo, tropeçando, mas correndo muito, de medo que a bruxa descobrisse que ele tinha fugido e fosse atrás dele.

De repente, Joãozinho se viu diante de um rio. O canarinho, pousado num galho à margem, pôs-se a gorjeear como quem diz: fim do caminho.

Joãozinho imaginou que o passarinho queria que ele pulasse no rio. Meio desconfiado, olhou para um lado, olhou para o outro, mas quando ouviu a voz da



bruxa xingando e procurando por ele na mata, não teve dúvidas. Abanou a mão para o canário e saltou no rio com roupa e tudo.

Mal tinha caído na água, levou um susto danado. Um peixe se enfiou no meio de suas pernas. Era um dourado.

– Ah! Meu Deus! Será que é o dourado que livrei do anzol?

Era. Era o mesmo dourado que Joãozinho tinha libertado.

Joãozinho agarrou-se na barbatana, e o douradinho nadou tão rápido que, quando a bruxa chegou à beira do rio, não conseguiu ver o menino escapando-lhe.

O dourado nadou, nadou, até que chegou em uma ponte que já era conhecida pelo menino. Então, o douradinho chegou até a margem do rio, bem onde tinha sido libertado.

Joãozinho pulou para a margem, abanou a mão para o douradinho, que saltava na correnteza do rio.

* * *

Joãozinho saiu correndo e gritando em direção à sua casa:

– Mamãe, papai, Mariazinha, sou eu, estou aqui!

Mariazinha foi a primeira que escutou o chamado do irmão. Saiu correndo e foi ao seu encontro, abraçando-o e chorando de alegria.

Logo em seguida, vieram a mãe e o pai, que também o abraçaram.

Joãozinho pediu perdão aos pais por ter sido tão imprudente, contou toda a sua aventura e disse que

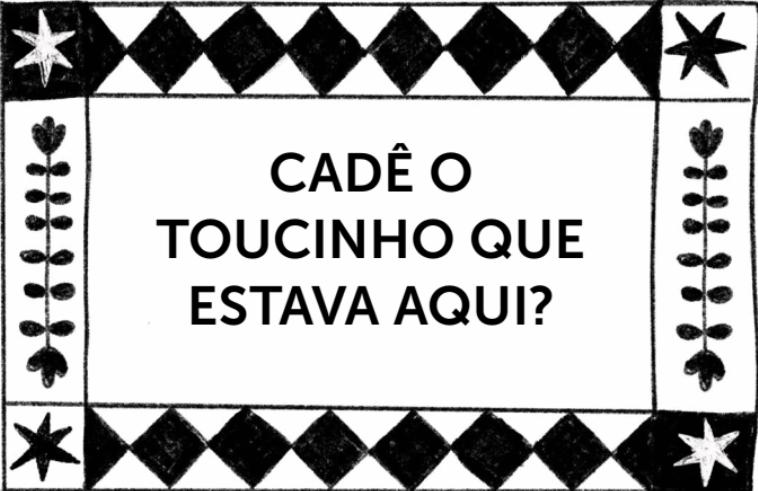


estava triste por ter perdido o bornal com os jatobás que havia apanhado.

Os pais o perdoaram, mas recomendaram que ele não fosse mais tão longe para demonstrar o quanto os amava.

* * *





CADÊ O TOUCINHO QUE ESTAVA AQUI?

Um adulto segura a mão espalmada de uma criança e faz as perguntas dessa brincadeira batendo levemente com a sua mão na palma da mão da criança. Ao mesmo tempo, vai ensinando a criança a responder. Depois que a criança aprender as respostas, repete as perguntas e a criança vai respondendo. Quando a brincadeira chega ao fim, o adulto faz um pouco de cócegas na criança, e os dois riem à vontade.

* * *

- Cadê o toucinho que estava aqui?
- O gato comeu.
- Cadê o gato?
- Fugiu pro mato.
- Cadê o mato?
- O fogo queimou.
- Cadê o fogo?
- A água apagou.



- Cadê a água?
- O boi bebeu.
- Cadê o boi?
- Está carreando o trigo.
- Cadê o trigo?
- A galinha comeu.
- Cadê a galinha?
- Está botando ovo.
- Cadê o ovo?
- O padre bebeu.
- Cadê o padre?
- Está rezando missa.
- Cadê a missa?
- Está no seu altar.
- Cadê o seu altar?
- Está no seu lugar?
- Você sabe o caminho?
- Não.
 - Vem por aqui, por aqui, por aqui. Zizizizizi (Nessa parte, com os dedos indicador e médio, o adulto simula que está caminhando pelo braço da criança e, ao chegar à axila, faz um pouco de cócegas dizendo zizizizi)

* * *

FIM



PARTE II

AS HISTÓRIAS DE
PEDRO MALASARTES





Certa vez, um comadre de Pedro Malasartes foi enganado por um boiadeiro viajante, que lhe levou toda a tropa de muares que possuía. Burros e mulas foram levados a preço de banana, como se dizia antigamente. Indignado, Malasartes disse:

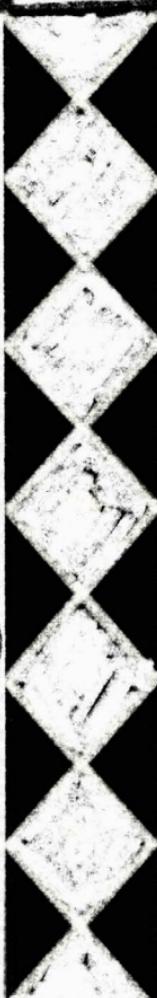
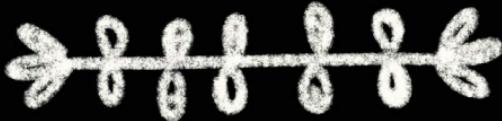
– Deixa estar, comadre, que vou reaver sua tropa!

Tomou um atalho e, ao perceber que estava mais de hora adiante do trapaceiro, parou, fez um belo fogo e cozinhou um bom bocado de feijão numa panela de ferro. Quando a tropa se aproximava, Malasartes apagou o fogo e enterrou bem as brasas. Sabendo que já podia ser ouvido, começou a falar em voz alta:

– Panelinha, panelinha, faça ferver meu feijão.

O trapaceiro, quando ouviu aquilo, apeou de sua mula e, querendo saber do que se tratava, cheio de curiosidade, aproximou-se a ponto de ver o caldo do feijão borbulhando na panela.





Malasartes, como quem não quer nada, cumpriu o trapaceiro e ofereceu-lhe um pouco de feijão com farinha. Mas, como maior que a fome era a curiosidade do trapaceiro, ele foi logo perguntando como o feijão poderia estar fervendo se não havia fogo. Ora, disse o Malasartes, isso é muito simples quando se tem uma panela mágica.

Como Pedro Malasartes tinha cara de pouco espero, o trapaceiro, ambicioso, imaginou que ali estava mais uma de suas presas e quis logo saber quanto valia a panela.

Mais uma vez, como quem não quer nada, Malasartes disse que a panela não estava à venda e mostrou-se até irritado: como haveria de vender aquela panela que lhe dava o sustento de maneira tão fácil?

O trapaceiro insistiu, tirou todas as moedas de sua guaiaca, que não eram poucas, e ofereceu-as a Malasartes.

– Está bem. O senhor pode ficar com a panela se, além das moedas, me der também a sua tropa.

Fechado o negócio, Malasartes devolveu a tropa ao comadre e ficou com as moedas do trapaceiro, que está até hoje gritando para a panela cozinar o seu feijão!





O CHAPÉU MÁGICO

Pedro Malasartes pegou um punhado de moedas, daquelas que havia recebido do trapaceiro, e levou-as ao armazém de seu compadre num momento em que nem uma mosca voava no local. Entregou-lhe as moedas e combinou que, aos poucos, iria retirando algumas mercadorias por conta daquele pagamento antecipado. Alegre com o negócio, o compadre de Malasartes não hesitou em fechar o acordo.

No dia seguinte, ao fim da tarde, quando bastante gente frequentava o armazém, apareceu Pedro Malasartes, portando, na cabeça, um belo chapéu de palha. Mal chegou e já foi falando bem alto:

– Compadre, me dê cinco quilos de açúcar.

Ao receber a mercadoria, tirou o chapéu, fez uma reverência e perguntou de forma que todos ouvissem:

– Tá pago ou não tá?

– Tá! Respondeu o compadre com entusiasmo, pois sabia que cinco quilos de açúcar não eram nada diante do punhado de moeda deixado.



Passado certo tempo, Malasartes voltou e pediu mais uma série de mercadorias. Ato seguinte, tirou o chapéu, fez de novo uma reverência e perguntou:

– Tá pago ou não tá?”.

– Tá! Respondeu alegremente o vendedor.

Malasartes foi e voltou várias vezes, sempre levando mercadorias sem que fosse preciso pagar qualquer uma. Bastava-lhe tirar o chapéu e perguntar se estava pago ou não estava.

Numa das vezes que ia saindo carregado de mercadorias, um sujeito muito ganancioso perguntou-lhe como ele conseguia tudo aquilo. Malasartes confessou-lhe baixinho que o seu chapéu era mágico. Daí a pouco, percebendo o brilho de inveja nos olhos do ganancioso, repetiu a cena: pediu uma mercadoria, tirou o chapéu e perguntou se estava pago ou não estava. Ao ouvir novamente o alegre “tá” do dono do armazém, o esganado não resistiu e quis, porque quis comprar o chapéu de Pedro Malasartes. Muito matreiro, Pedro negou-se várias vezes a vender, mas, depois de muito tempo, quando o ganancioso ofereceu-lhe uma sacola cheia de moedas de ouro, ele não resistiu. Pegou as moedas e, o mais rápido possível, sumiu daquele lugar.

O ganancioso foi imediatamente testar o seu chapéu mágico, mas o que ganhou foi uma esculhambação danada do dono do armazém. Ao perceber que tinha sido enganado por Pedro Malasartes, endoideceu e vive até hoje pelos caminhos tirando o chapéu e perguntando a quem encontra: “tá pago ou não tá?”





O PÁSSARO MAIS RARO DO MUNDO

Depois de ter vendido o seu chapéu mágico, que na verdade era bem comum, Pedro Malasartes comprou um outro chapéu, botou na cabeça e saiu pelo mundo. Andou, andou e quando se encontrou em uma estrada deserta, teve uma dor de barriga que o obrigou a arrancar as calças e fazer as suas necessidades ali mesmo onde estava, na beira da estrada.

Mal tinha acabado, surgiu lá adiante um cavaleiro. Malasartes rapidamente cobriu com o chapéu o troço que tinha feito e ficou de cócoras, olhado fixamente para o chapéu.

O cavaleiro se aproximou e deu boa tarde para o matreiro, que respondeu com alegria.

– O que o senhor está fazendo aí, de cócoras, olhando para esse chapéu? Perguntou o cavaleiro.

– Ai, seu moço, o senhor nem vai acreditar. Peguei o pássaro mais raro do mundo. Vale uma fortuna. Es-





tou tomando conta. Mas eu preciso mesmo é de uma gaiola para colocar o pássaro.

Malasartes viu que os olhos do cavaleiro brilharam de ganância e, então, arrematou:

– O Senhor não quer ficar cuidando do pássaro enquanto eu vou rápido buscar uma gaiola? Olha, lhe dou metade do valor do pássaro se o senhor topar.

O cavaleiro, cheio de vontade de ficar rico facilmente, topou a parada e até emprestou o cavalo para Pedro Malasartes ir comprar a tal gaiola.

O cavaleiro ganancioso ficou cuidando do pássaro mais raro do mundo. Quando se cansou de esperar, disse para si mesmo:

– Esse sujeito está demorando muito. Quer saber de uma coisa? Vou pegar esse pássaro e sumir.

O cavaleiro falou e agiu. Com uma das mãos, foi levantando devagar a aba do chapéu e zaaaap, passou a outra mão rapidamente por baixo dele para pegar o pássaro.

Pobre coitado. Ficou com a mão toda lambuzada e percebeu que tinha sido enganado.

Seguiu para casa à pé, sem pássaro e sem cavalo.







O CAVALO SEM RABO E OS DESBEIÇADOS

Pedro Malasartes seguiu o seu caminho e viajou muito até que chegou num local onde acontecia uma festa. Era um baile em uma fazenda. Apeou e amarrou o cavalo perto de outros e entrou para a festa.

Os moços que estavam na festa não gostaram muito da chegada dele e, bem quietos, foram ao local onde estava amarrado o seu cavalo e cortaram-lhe o rabo. O pobre cavalo ficou bem feio!

Ao voltarem para o baile, começaram a falar alto para que Pedro escutasse:

- Mas que cavalo mais feio está amarrado lá fora.
- Quem teria a coragem de vir a uma festa com um cavalo tão feio?
- Ah! Se eu tivesse um cavalo sem rabo, eu nem vinha à festa.



Pedro Malasartes, que de bobo não tinha nada, saiu de fininho, foi lá fora e viu a malvadeza que tinham feito com ele.

– Pode deixar! Esses malvados me pagam!

Pegou o canivete e cortou os beiços de todos os cavalos que estavam amarrados juntos com o dele.

Então, voltou para o baile e falou bem alto, para todos escutarem:

– É verdade que lá fora tem um cavalo bem feio, sem rabo. Pior é que os outros estão todos rindo dele!

Os moços correram para ver do que se tratava e perceberam os cavalos com os dentes à mostra, todos desbeiçados, parecendo que estavam rindo.





Foram tantas as artes de Pedro Malasartes, que o Rei ficou sabendo e mandou que os seus guardas o prendessem.

Levado à presença do rei, não adiantou nada Pedro dizer que era inocente. O rei, sem dó nem piedade, mandou enforcá-lo.

Percebendo que não tinha muito a fazer, ele fez um último pedido ao rei:

-- Majestade, já que não tem mesmo jeito, o senhor pelo menos não pode me deixar escolher a árvore para ser enforcado?

O rei, que não tinha muita paciência, foi logo falando:

- Está bem, está bem. Guardas, levem esse homem e só o enforquem na árvore que ele escolher.

Lá se foram os guardas com Pedro Malasartes.



Quando chegavam próximos de alguma árvore, os guardas, querendo acabar logo com o serviço, perguntavam se não estava bom aquele galho ou aquele outro.

Que nada! Nenhum galho servia.

Andaram que andaram, foram que foram, até que chegaram a uma horta. Então, Pedro Malasartes falou alegre e contente:

– Aí está! Encontrei! Podem me enforcar naquele pé de cebola.

– Como? Disseram os guardas. Não dá para enforcar ninguém em um pé de cebola.

– Bom, disse Pedro Malasartes, se não dá, paciência, vocês bem viram que o rei deixou que eu escolhesse o lugar.

Os guardas não tiveram outro jeito a não ser soltar Pedro Malasartes, que vive até hoje fazendo suas estripulias por aí afora.

Fim





LE²⁰
GD ANOS

UF
GD **editora**

